

Salgueiro - o “quilombo” moderno



Por **DANIEL COSTA***

Nei Lopes e Leonardo Bruno contam de forma não linear a trajetória de uma agremiação que há mais de setenta anos prova que não é nem melhor, nem pior que suas coirmãs, é apenas uma escola diferente

Não é de hoje que a sociedade vem promovendo discussões e lutando pelo estreitamento das relações entre a Universidade (especialmente a pública) e o público externo, uma questão que nem deveria suscitar tamanha discussão por apresentar tamanha obviedade, afinal o tripé que sustenta a Universidade é exatamente o ensino, pesquisa e extensão.

Porém, em um contexto marcado pela globalização acelerada, em que o cenário predominante é o de mercado globalizado, onde existe desigualdade básica entre países ‘avançados’ e ‘menos avançados’ quanto aos privilégios no mercado econômico mundial. Nesse cenário de disputa, o papel das universidades públicas é destacado, principalmente na formação de quadros profissionais críticos. O estudo aponta para a necessidade das universidades desenvolverem projetos integrados de pesquisa e educação que atendam às áreas de relevância social e econômica^[i].

Atentos a esse debate e conscientes do papel que deve ser exercido por uma Universidade pública um grupo de professores universitários e pesquisadores resolveram mostrar que apesar do samba não ser ensinado no colégio como bem escreveu o poeta da Vila, a universidade deve sim abrir suas portas para os baluartes desse ritmo forjado em quintais, tendinhas e morros.

Foi com esse espírito que surgiu nos corredores da UERJ o projeto Acervo Universitário do Samba, hoje coordenado pela professora Andressa Lacerda e com supervisão editorial do professor Luiz Ricardo Leitão, o projeto de extensão vinculado ao Centro de Tecnologia Educacional da UERJ (CTE-UERJ) e à Diretoria de Comunicação Social (Comuns) da Universidade tem trazido para o público obras de referência para pensar o samba e o carnaval, especialmente o carioca.

Desde o lançamento do primeiro volume em 2015, a biografia do compositor Aluísio Machado, escrita por Luiz Ricardo Leitão, o projeto vem se tornando referência para aqueles que buscam compreender o desenvolvimento dessa festa que apesar dos pesares ainda pode ser considerada uma das mais democráticas e populares do país^[ii]. Com o lançamento de *Salgueiro, o “Quilombo” Moderno: batuqueiro, mandingueiro, diferente*, escrito por Leonardo Bruno e Nei Lopes o leitor terá a oportunidade de acompanhar o processo de construção e evolução da agremiação que ficaria conhecida como a “Academia do samba”, em formato de almanaque os autores repassam a trajetória da escola fundada em 5 de março de 1953. Segundo a dupla de autores, “a partir de seu nascimento, os Acadêmicos formaram, com Mangueira, Portela e Império Serrano, até meados da década de 1970, o quarteto imbatível das escolas de samba, conhecidas como as quatro grandes”.

A inspiração para a confecção do referido volume surgiu de um fato curioso: em novembro de 2001, o então ministro da Cultura, Francisco Weffort agraciou com a Ordem do Mérito Cultural as escolas de samba Vila Isabel, Portela, Mangueira e Império Serrano, deixando a margem, de forma inexplicável o Salgueiro. Uma ausência, segundo os autores, que não se

justifica quando se investiga a fundo a história do carnaval carioca.

Como ressalta a escritora e pesquisadora Rachel Valença, responsável pelo prefácio da publicação, “aos Acadêmicos do Salgueiro os sambistas devem a importante mudança de enfoque sobre a escolha de enredos: Fernando Pamplona, no início dos anos 1960 com seu escrete de ouro que reunia Arlindo Rodrigues, Joãozinho Trinta, Maria Augusta, Rosa Magalhães e outros *bambas* das artes, entendeu que já era hora de deixar de lado reis, princesas, generais, suas batalhas e toda uma história que gora extremamente hostil aos negros, um passado de horrores disfarçados. Afinal, os criadores e protagonistas daquele espetáculo que começava a chamar a atenção do mundo tinham também muito a contar. Quem já ouvira falar, até então, de Chica da Silva, de Chico Rei? Quem conhecia o suficiente sobre a rebelião liderada por Zumbi, em Palmares? Cantados em belos desfiles de carnavais inesquecíveis, esses enredos abriram caminho para que os verdadeiros donos da festa dessem à sua história de trabalho e de lutas, à sua fé que resistiu à travessia de um oceano, o merecido protagonismo”.

Sobre os autores da obra, é dispensada maiores apresentações, salgueirense de quatro costados, o compositor, cantor, escritor e pesquisador Nei Lopes, foi integrante da ala de compositores e da velha guarda da agremiação. Versado na arte de compor e de produzir obras que são referências para o samba e para a cultura negra^[iii], Lopes traz para a obra reminiscências de quem viveu a fase de ouro da agremiação. Já o jornalista e escritor Leonardo Bruno^[iv], figura que também dispensa apresentações representa o elo da agremiação com a nova geração de intelectuais, dando continuidade à tradição iniciada por nomes como Eneida de Moraes, Fernando Pamplona, Haroldo Costa e o próprio Nei Lopes.

Escrito como um almanaque, ao longo de nove capítulos, o leitor percorrerá a geografia do morro do Salgueiro, conhecendo os lugares e os mitos fundantes de uma escola que desde os primórdios carregava em sua alma a inovação, mesmo quando conduzida pela necessidade. Com uma vida cultural agitada, o Salgueiro era ponto de encontro de bambas de diversas partes da cidade nas primeiras décadas do século XX. Segundo Lopes e Bruno: Não eram poucos os bailes, as festas e as agremiações carnavalescas, frequentados por figuras como Noel Rosa e Geraldo Pereira. Noel, por exemplo, cita mais o Salgueiro em toda a sua obra do que seu próprio bairro, Vila Isabel. Já Geraldo Pereira, cria do Morro de Mangueira, compôs um de seus grandes sucessos em homenagem a uma moradora do morro do Salgueiro”.

O leitor poderá passar ainda pelos bastidores da “Revolução das Belas Artes”, momento em que é selada a parceria entre a agremiação e Fernando Pamplona. Uma parceria que seria fundamental para o Salgueiro e para o futuro do carnaval carioca, fazendo-se uma síntese entre a tradição forjada pelas escolas de samba e a *expertise* cenográfica que fez dos desfiles carnavalescos um dos mais belos espetáculos do país.

Outro ponto alto do almanaque escrito por Nei Lopes e Leonardo Bruno reside na apresentação dos compositores, principais lideranças da escola e claro, aqueles que honraram e honram o chão salgueirense, fazendo da escola tijucana um verdadeiro quilombo moderno. Assim, ao longo de 272 páginas o leitor conhecerá, mesmo que de forma resumida, a trajetória de bambas como Anescarzinho, autor de dois dos maiores sambas da história do carnaval e da própria agremiação: *Quilombo dos Palmares* (1960) e *Xica da Silva* (1963), ambos em parceria com Noel Rosa de Oliveira; Amado Régis, autor em parceria com Djalma Sabiá do memorável, *Navio negreiro*, samba composto para o carnaval de 1957. São lembrados ainda compositores históricos como o já citado Noel Rosa de Oliveira, Bala, Caxinê, Geraldo Babão, Gracia do Salgueiro, Zuzuca e outros nomes que fizeram da ala de compositores da escola, uma das principais do carnaval carioca.

O leitor ainda poderá percorrer a trajetória de nomes como Fernando Pamplona, Max Lopes, Joãozinho Trinta e Maria Augusta, artífices da estética salgueirense e lideranças incontestáveis como Djalma Sabiá, aquele que além de fundador, foi diretor de carnaval, secretário, puxador e presidente de honra da vermelho e branco. E mais do que isso, foi o guardião da memória salgueirense durante toda sua vida, guardando documentos e materiais de pesquisa para registrar a trajetória da agremiação.

São lembrados ainda nomes como Casemiro Calça Larga, uma das grandes lideranças do samba local ao longo da década de 1950; Osmar Valença, que fora o presidente da agremiação nos títulos de 1963, 1965, 1969, 1971, 1974 e 1975.

Valença, ao lado de Natal da Portela, fez parte da primeira geração de banqueiros do jogo do bicho que se associaram às escolas de samba. Outro ponto destacado pelos autores é a relação estabelecida entre a agremiação e os banqueiros do jogo do bicho.

Se a passagem de Valença pela escola deixou uma série de títulos, a passagem de outro bicheiro deixaria como marca um episódio traumático para toda a comunidade. Em 1976, às vésperas do carnaval, o então presidente Euclides Pannar, conhecido como China Cabeça Branca, foi assassinado na Avenida Maracanã, após uma reunião na quadra. China havia se desentendido com a famosa cúpula do bicho após levar à imprensa irregularidades na apuração dos resultados.

Por fim, destaca-se a figura de outro presidente ligado ao mundo da contravenção, Waldomiro Paes Garcia, o Miro, que antes de chegar à escola figurava entre os maiores bicheiros do Rio de Janeiro. Durante os quase vinte anos que comandou o Salgueiro, foi efetivamente o presidente entre 1988 e 1993, ano do título com o inesquecível *Peguei um Ita no Norte*. Porém, cabe destacar que ao longo de sua trajetória, o Acadêmicos do Salgueiro contou também com lideranças fora das lides da contravenção. Figuras como Laila, Manoel Macaco, Nelson de Andrade são lembradas e reverenciadas pelos autores. Cabe destacar ainda a presença feminina na agremiação em postos de referência para o conjunto da comunidade, assim evoca-se desde a fundante Dona Maria Romana, passando por Dona Ana Bororó, Dona Fia, Elizabeth Nunes e Regina Celi, com as duas últimas sendo eleitas presidentas da escola.

Por fim, são lembrados àqueles que riscam o chão quando a escola entoa seu canto. Desde Paula do Salgueiro, passando por nomes como Narcisa, Elza Cobrinha e a atual rainha da bateria Viviane Araújo, os autores dão o devido destaque aqueles que defendem as cores da agremiação na avenida. Não esqueçamos ainda dos emblemáticos casais de mestre sala e porta bandeira, a bateria e as demais alas da escola.

Para além da pesquisa histórica tão bem empreendida pela dupla de autores, o volume conta ainda com vasto material iconográfico recolhido em diversos acervos. Assim o leitor poderá acompanhar o registro de desfiles históricos registrados pela lente de fotógrafos do extinto diário *Correio da Manhã* e revistas como *Manchete* e *O Cruzeiro*, complementadas pelas ilustrações do artista plástico Antônio Vieira.

Presente em todos os volumes do Acervo Universitário do Samba, a cartografia afetiva do Salgueiro ficou sob a responsabilidade de Andressa Lacerda, Daniela Seixas e Ana Carolina Barbosa, docentes vinculadas ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). O afinado trio buscou mostrar que no morro do Salgueiro há grafias e ramificações insurgentes sendo criadas e recriadas. Os enredos são entrelaçados à presença negra que confere identidade tanto à agremiação quanto ao mapa de uma escola que é apenas diferente. Não há norte ou sul, em cima ou em baixo certos para leitura da cartografia criada pelo Salgueiro. As raízes aquáticas evocam a ancestralidade que cruzou o Atlântico e reverbera, através dos ares, seus sons, simbolismos e pertences, alicerçando, portanto, em solo profundo bases fortes que brotam e proliferam. Afinal, sejam raízes suporte, raízes aéreas ou aquáticas, o Salgueiro nasce forte em qualquer lugar.

Com *Salgueiro, o “Quilombo” Moderno: batuqueiro, mandingueiro, diferente, Nei Lopes e Leonardo Bruno contam de forma não linear a trajetória de uma agremiação que há mais de setenta anos prova que não é nem melhor, nem pior que suas coirmãs, é apenas uma escola diferente. Indicado para os amantes das folias momescas, a publicação também será de grande interesse para aqueles que gostam da verdadeira cultura popular ou ainda para aqueles que desejam adentrar esse universo coberto de contradições que também não ficam à margem da escrita dos autores. O único defeito do livro em questão reside no fato de contar com apenas 272 páginas, visto que muitas histórias e personagens ficaram de fora dessa abrangente pesquisa*[\[v\]](#).

***Daniel Costa** é mestrando em História na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Referência



Leonardo Bruno e Nei Lopes. *Salgueiro o “quilombo” moderno: batuqueiro, mandingueiro, diferente*. Rio de Janeiro, Mórula Editorial; São Paulo, Outras Expressões, 2024, 272 págs. [<https://amzn.to/3Bp9DEp>]

Notas

[i] Ver: KAWASAKI, Clarice Sumi. *Universidades públicas e sociedade: uma parceria necessária*. In: Revista da Faculdade de Educação, vol. 23, n. 1-2. São Paulo: FE/USP, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100013>

[ii] Para informações acerca dos volumes anteriores conferir: COSTA, Daniel. *Cartografia do samba carioca*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/cartografia-do-samba-carioca/> ; COSTA, Daniel. *Samba, democracia e sociedade*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/samba-democracia-e-sociedade/> e *A Kizomba da Vila Isabel – festa da negritude e do samba*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-kizomba-da-vila-isabel-festa-da-negritude-e-do-samba/> .

[iii] Como compositor Nei Lopes criou clássicos que entraram para a galeria de pérolas do samba e da música popular. Entre seus parceiros destaco nomes como: Wilson Moreira, Zeca Pagodinho, Moacyr Luz, Paulo César Pinheiro, Reginaldo Bessa e Toninho Nascimento. Como escritor destacam-se os seminais *Partido-alto, samba de bamba; Vinte contos e uns trocados; Dicionário Banto do Brasil, Dicionário da antiguidade africana e o Dicionário Social do Samba*, em parceria com o historiador Luiz Antonio Simas.

[iv] Entre as obras escritas por Leonardo Bruno destaco: *Canto de rainhas, Zeca Pagodinho – Deixa o samba me levar, Beth Carvalho – De pé no chão e Três poetas do samba-enredo*. Escreveu ainda o roteiro do filme *Andança – As memórias e os encontros de Beth Carvalho* e para o teatro, escreveu o musical *Leci Brandão – Na palma da mão*.

[v] Para mais informações sobre a trajetória da agremiação consultar as seguintes obras: ANTAN, Leonardo. *Sal 60: uma revolução em vermelho, branco e negro*. Nova Iguaçu: Carnavalize, 2021; BRUNO, Leonardo. *Explode, Coração: histórias do Salgueiro*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2013; COSTA, Haroldo. *Salgueiro. Academia de samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984 e COSTA, Haroldo. *Salgueiro: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Record, 2003;

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

a terra é redonda

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA

<https://amzn.to/3Bp9DEp>

A Terra é Redonda